

A UTILIZAÇÃO DE PLATAFORMAS VIRTUAIS PELO CINECLUBE JECE VALADÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Lucas Guimarães Blunck Schuina
Mestrando (a) do
curso de Pós-Graduação em Comunicação e
Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: lucas.schuina@gmail.com

Orientador(es): Prof^a Daniela Zanetti
Nome da Instituição – UFES
E-mail: daniela.zanetti@gmail.com

RESUMO

Este *paper* apresenta um relato de experiência do projeto “Cinema e Proteção Mútua”, realizado pelo Cineclube Jece Valadão, de Cachoeiro de Itapemirim (ES), no período de março de 2020 a abril de 2021. O objetivo é fazer uma primeira aproximação às questões abordadas em nossa pesquisa sobre os impactos da pandemia de Covid-19 na atividade cineclubista do Espírito Santo, atualmente em andamento no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Desse modo, descrevemos atividades do Cineclube Jece Valadão organizadas a partir de diferentes plataformas virtuais – levando em conta as especificidades de cada uma –, como alternativa à impossibilidade de encontros presenciais entre os cineclubistas. O texto também aborda alguns conceitos que nos ajudam a entender melhor a ideia de “cineclube”, a partir de definições elaboradas por instituições de referência no campo da cultura e por discussões fomentadas por pesquisadores que se detiveram sobre o tema.

Palavras-chave: Cineclubes. Pandemia. Plataformas virtuais. Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

Neste *paper*, apresentamos uma breve análise sobre a utilização de plataformas virtuais pelo Cineclube Jece Valadão, de Cachoeiro de Itapemirim (ES), durante a pandemia de Covid-19, como alternativa à impossibilidade de reuniões presenciais. Trata-se, aqui, de uma amostra das questões abordadas em nossa pesquisa sobre os impactos da situação de emergência em saúde pública na atividade cineclubista do Espírito Santo, atualmente em andamento no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e

Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). No Espírito Santo, existem cerca de 64 cineclubes em 21 cidades (IJSN, 2020, p. 89).

A principal motivação para a realização dessa pesquisa empírica se deve à própria atuação do autor deste *paper* no Cineclube Jece Valadão - e, conseqüentemente, sua necessidade de encarar as transformações ocasionadas pela pandemia nesse ramo de atuação cultural. Nesse sentido, procuramos, com aporte teórico e investigação sistematizada, subsídios para melhor lidar com objetos e situações da realidade concreta (BRAGA, 2011, p. 5-6).

Ao longo de nossa pesquisa, pretendemos realizar um mapeamento dos cineclubes do Espírito Santo e suas relações com seus territórios, levando em conta os impactos das medidas de distanciamento social. O objetivo é refletir sobre os rumos tomados pela atividade cineclubista no estado, identificando práticas adotadas e possíveis tendências de transformação. Para isso, pretendemos coletar informações sobre os cineclubes e o contexto em que estão inseridos, a partir da base de dados da Organização dos Cineclubes Capixabas (OCCa) e de outras instituições de referência, e, com base em questionários semiestruturados, realizar entrevistas com representantes de cineclubes das quatro macrorregiões do Estado (Metropolitana, Norte, Central e Sul).

Neste *paper*, especificamente, abordamos alguns conceitos que nos ajudam a compreender a ideia de “cineclube” e apresentamos um relato de experiência de nossa atuação no projeto “Cinema e Proteção Mútua”, realizado junto ao Cineclube Jece Valadão, entre março de 2020 e abril de 2021. A escolha pelo referido projeto do Cineclube Jece Valadão para a construção do relato se justifica pelos seguintes fatores: 1) por ser um cineclube do Espírito Santo; 2) pelo fato de o projeto “Cinema e Proteção Mútua” ter tido um início (antes da pandemia) e um fim (durante a pandemia) determinados, possibilitando abarcar um arco temporal definido; 3) pelo fato de o cineclube ter funcionado a partir de diferentes plataformas e formatos de sessões cineclubistas, permitindo a avaliação de cada uma em sua especificidade.

Já a opção metodológica pelo relato de experiência nos dá a possibilidade de trazer à tona conhecimentos importantes para a construção da pesquisa a partir da tradução, percepção

e interpretação das experiências vivenciadas pelo próprio pesquisador. O relato de experiência “situa o saber resultante de um processo; melhor dizendo, pode-se considerá-lo em um entrecruzamento de processos, dos coletivizados aos mais singulares” (DALTRO; FARIA, 2019).

CONCEITO DE CINECLUBE

O termo cineclube tem servido para designar “espaços de exibição não comercial de obras audiovisuais nacionais e estrangeiras diversificadas, que podem realizar atividades correlatas, tais como palestras e debates acerca da linguagem audiovisual” (ANCINE, 2007). Além disso, conforme destacado em verbete da Enciclopédia Itaú Cultural, os cineclubes, a partir das ações coletivas de seus associados, se contrapõem a fatores do cinema comercial, tais como: “a tendência dos exibidores de dedicar a maioria das salas aos grandes lançamentos comerciais; o preço dos ingressos, inacessível para pessoas de baixa renda; o fato de boa parte dos municípios não contarem com salas de cinema” (ITAÚ CULTURAL, 2021).

Em um texto de 2004, o cineclubista e pesquisador Felipe Macedo aborda o fato de o termo “cineclube” passar a ideia de clubes fechados para integrantes de uma determinada elite intelectual. Ele lembra que, ao contrário, a palavra “clube” remete ao espírito associativo e democrático dos grupos de operários e imigrantes do início do século XX, nos quais, em sua avaliação, os cineclubes encontrariam sua origem histórica. Desse modo, Macedo define três características básicas para qualquer cineclube: 1) não ter fins lucrativos; 2) ter uma estrutura democrática; 3) ter um compromisso cultural, ou ético (MACEDO, 2004). Em diversas publicações, grande parte delas publicadas em seu *blog* pessoal, Macedo tem defendido a ideia de que os cineclubes se caracterizam como instituições dos públicos de cinema e dos diversos dispositivos audiovisuais que, auto-organizados e sem visar lucro, reivindicam para si um papel ativo nos processos de produção, distribuição e consumo de bens simbólicos em circulação na sociedade no formato de “produções audiovisuais” (MACEDO, 2010, p. 27-55).

O termo “cineclubismo”, com o sufixo “ismo” associado a “cineclube”, remete ao conjunto de práticas e ideias que norteiam as atividades dos cineclubes. O adjetivo “cineclubista” também é bastante utilizado para designar os indivíduos que atuam nos cineclubes, além de ser associado à palavra “movimento”, para indicar a organização dos

cinelubes individuais em um movimento social de ação política conjunta. A partir de uma análise da rearticulação do movimento cineclubista brasileiro em 2003, Eduardo Lima Silva, lançando mão de conceitos de Pierre Bourdieu, defende a ideia do cineclubismo como um “campo” ou “subcampo” do cinema, constituído pelos jogos de poder entre os diversos agentes e instituições que o compõem (cineclubistas, federações estaduais e regionais, Conselho Nacional de Cineclubes, etc). As disputas do campo levariam em conta a constituição de um “*habitus* cineclubista”, um certo modo de agir e pensar coletivo associado aos cineclubes e cineclubistas (SILVA, 2014, p. 14-20).

Uma das práticas que têm sido mais caras aos cineclubes é a realização de sessões de cinema em um determinado espaço, nas quais o público assiste a um filme (e/ou mais de um tipo de produção audiovisual) em conjunto, simultaneamente e, logo após, os espectadores debatem questões relacionadas ao que foi exibido. A ideia de “ver juntos” está ligada não somente a pessoas assistindo coletivamente, mas de interação com o “outro” (MIGLIORIN; RESENDE; CID; MEDRADO, 2020, p.153)

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A proposta do Cineclube Jece Valadão com o projeto “Cinema e Proteção Mútua” - que contou com recursos de edital de Cineclubismo da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult-ES) - foi a realização de sessões cineclubistas ao longo de um ano, aproximadamente, relacionadas a discussões sobre o universo do trabalho e questões correlatas. O título do projeto é uma referência ao Centro Operário e de Proteção Mútua, organização centenária de Cachoeiro dedicada a causas trabalhistas, com a qual o cineclube possui estreita relação. Antes mesmo do projeto começar, porém, o cineclube se deparou com um imenso desafio, após os danos causados pela maior enchente da história de Cachoeiro (25 de janeiro de 2020) no Centro Cultural Nelson Sylvan, onde realizava suas atividades. Ainda foi possível fazer uma ação presencial, em espaço alugado, em 14 de março de 2020, com o tema “Mulheres no Trabalho”. Foram exibidos os curtas-metragens *Acorda, Raimundo... Acorda!* (1990) *Território do Desprazer* (2017) e *Estado Itinerante* (2015). Ao final, houve um debate com as 13 pessoas presentes (entre elas, integrantes do grupo União Cachoeirense de Mulheres convidadas para a ocasião). As atividades seguintes do projeto tiveram que ser realizadas pela internet.

Nos primeiros meses de pandemia, o cineclube se resumiu a textos e indicações de filmes em seu *blog*. A primeira sessão virtual aconteceu no dia 11 de junho de 2020. Na esteira dos protestos contra a violência contra a população negra, logo após a repercussão do assassinato de George Floyd, 25 de maio de 2020, nos Estados Unidos, alguns participantes da primeira sessão do projeto tiveram a ideia de realizar uma atividade com o tema “Vidas Negras Importam”. A plataforma escolhida foi a *myCircle.tv*, que, além de não demandar a inscrição ou download de aplicativo, permite reproduzir playlists organizadas em outros sites de compartilhamento (como *YouTube* e *Vimeo*) e tocadas por um única pessoa, bem como bate-papo por áudio. O objetivo, então, era fazer com que todos os participantes assistissem ao mesmo conteúdo simultaneamente e ocupassem o mesmo espaço na hora do debate, sem hierarquizações – reproduzindo com a máxima fidelidade o que, pensávamos, seria uma sessão cineclubista presencial. Os dois filmes escolhidos, os curta-metragens *Kbela* (2015) e *Rapsódia para o homem negro* (2015), já estavam disponibilizados gratuitamente no *YouTube*.

A sessão contou com a participação mais ativa de quatro pessoas que já se conheciam ou tinham amigos em comum – duas delas, moradores das cidades de São Paulo (SP) e Vargem Alta (ES), respectivamente, mas que já haviam morado em Cachoeiro de Itapemirim. Outras pessoas entraram e saíram da sala sem identificar – como não há recurso de imagem na plataforma e a nomeação do usuário depende de iniciativa própria, tornou-se impossível saber quem eram esses “outros”. Nesse sentido, a ausência de envolvimento do corpo como fator de presença – no caso de um ambiente virtual, um envolvimento construído pela consciência (ALBUQUERQUE, 2002, p.4) – foi determinante para que outras pessoas de fora do “círculo de amigos” não interagissem.

Essa primeira experiência serviu de aproximação entre um grupo menor de sujeitos que tinham interesse em adaptar o projeto para o formato de ações em ambientes virtuais – algo que demandou, por exemplo, mudanças na programação de filmes devido a questões de direitos de autor. Na atividade seguinte, realizada em 18 de julho de 2020, foram disponibilizados os filmes previamente - *Proteção Mútua* (2019) e *Eles não usam black-tie* (1981) - para um debate com associados do Centro Operário e de Proteção Mútua, pela plataforma *Google Meet*. Houve um número maior de participantes, 16.

Nas três sessões seguintes, a experiência se deu com disponibilização de filmes no canal de *YouTube* do Cineclube Jece Valadão e *live* com debate logo em seguida. Nesse caso, os debatedores eram limitados a um ou dois representantes do cineclube e um convidado relacionado à produção do filme ou filmes exibidos. Os demais teriam que interagir pelo chat. Com isso, houve uma grande multiplicação do público (algumas *lives* tiveram mais de 100 visualizações), mas agora tornado em “audiência interativa”. Nessas três exibições, foram passados filmes do Espírito Santo ou relacionados a personalidades e patrimônios históricos de Cachoeiro – *Labor* (2017), em 13 de agosto de 2020; *Córrego Grande, 13* (2015) e *Vinillis Frutiferis* (2015), em 20 de agosto de 2020; *Divina Luz* (2017) e *O evangelho segundo Jece Valadão* (2001), em 12 de dezembro de 2020. Esse aspecto “regionalista” das produções contribuiu para atrair um interesse maior de pessoas desses territórios.

Na atividade seguinte, foi disponibilizado no blog do cineclube um link com código de acesso gratuito ao filme, *Arábia* (2017), longa-metragem brasileiro de expressiva repercussão na década de 2010. A obra esteve disponível por duas semanas, de 15 a 28 de fevereiro de 2021, alcançando 303 visualizações, e houve uma *live* com um dos diretores no dia 18 de fevereiro. Aqui, vale ressaltar que a sessão teve mais repercussão para além dos territórios de Cachoeiro e Espírito Santo do que engajamento local.

Além das sessões, foi organizado, em 22 e 29 de outubro de 2020, o minicurso online e gratuito “Forças do Feminino no Cinema Brasileiro”. Realizado em parceria com a Cinecluba, coletivo do Rio de Janeiro, a atividade – que teve mais de 40 pessoas inscritas, de diversas partes do Brasil – foi centrada na apresentação de diferentes formas de inserção de realizadoras mulheres no cinema do Brasil. Os dois encontros aconteceram pelo *Google Meet*. Os filmes e textos para estudo foram disponibilizados por e-mail antes de cada encontro virtual – havendo a exibição de trechos durante as duas aulas síncronas, mas com muitas limitações de qualidade por conta da plataforma. Também foi proposto um exercício prático (opcional) de realização de filmes, que contou com a participação de alguns dos inscritos no minicurso – o vídeo foi publicado no canal do cineclube no *YouTube*.

As experiências do projeto foram abordados em textos da décima edição da revista do Cineclube Jece Valadão¹, lançada em maio de 2021. Contribuíram com textos os quatro participantes mais assíduos do projeto – Jéssica Grillo, Lucas Schuina, Tamiris Marchiori e Victorhugo Passabon Amorim – e as três integrantes da Cinecluba que ministraram o minicurso – Bárbara Bergamaschi, Duda Kuhnert e Isabel Veiga.

Os recursos da Secutl-ES foram utilizados para o pagamento de despesas diversas do projeto, incluindo pagamento por direitos de exibição dos filmes (algo não previsto antes da pandemia), cachês para as ministrantes do curso, cachê para assessor de Comunicação e produção da revista. Com exceção da primeira e única sessão presencial, os participantes do projeto não tiveram reuniões presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste *paper*, buscamos uma primeira aproximação ao nosso objeto de estudo, por meio do relato de uma experiência na qual o pesquisador está diretamente implicado. Um dos pontos a se ressaltar é que a adaptação das práticas cineclubistas ao ambiente virtual buscou uma emulação do que seriam “aspectos fundamentais” das atividades dos cineclubes – e a cada forma de uso das tecnologias da informação disponíveis, essa negociação com o “*habitus* cineclubista” se reconfigurava.

Outro ponto a se ressaltar é a noção de “presença”, que ganha novas implicações com a “telepresença”. De modo geral, a experiência que tivemos com o Cineclube Jece Valadão na adaptação aos ambientes virtuais nos parece bastante ilustrativa do que Jean-Louis Weinsberg classifica como “paradoxos da teleinformática”: se, por um lado, as redes geram desterritorialização, na medida em que as fronteiras geográficas não se impõem como obstáculos claramente demarcados, por um outro também potencializam vínculos locais, tendo em vista que os atores em questão possuem modos de identificação e condições materiais ligados aos territórios materiais (WEINSBERG, 2013, p. 113-141). Essas são algumas das questões a serem aprofundadas em nossa pesquisa, levando em conta, também, as experiências de outros cineclubes do Espírito Santo.

¹ Disponível em: https://issuu.com/cineclubejecevaladao/docs/revista_cineclube_2_-_final. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCINE – Agência Nacional de Cinema. **Instrução Normativa nº 63**. Brasília, 20 de outubro de 2007. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=76976>. Acesso em: 15 de novembro de 2021.

ALBUQUERQUE, Antonia Lucelma Pessoa. **Presença em Mundos Virtuais**. Relatório Técnico. Instituto de Matemática Pura e Aplicada: Rio de Janeiro, jun. 2002.

Cineclube. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14347/cineclube>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. **Relato de Experiência**: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v. 19, n.1, p. 223-237. UERJ: Rio de Janeiro, jan./abr. 2019.

IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves. Governo do Estado do Espírito Santo. **Programa ES+Criativo** – Segmento: Audiovisual. Relatório completo 2020. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/artigos/5620-plano-es-criativo-segmen-to-audiovisual>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

MACEDO, Felipe. “Cineclube e autoformação do público”. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (org.). **Cineclube, cinema & educação**. 1. ed. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2010. p. 27-54.

_____. **O que é cineclube**. In: Cineclube, 2004. Disponível em: http://cineclube.utopia.com.br/clube/o_que_e.html. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

MIGLIORIN, Cesar; RESENDE, Douglas; VIVIANE, Cid; MEDRADO, Arthur. **Cinema de grupo**: notas de uma prática de educação e cuidado. Revista GEMInIS, v. 11, n. 2, p. 149-164. Universidade Federal de São Carlos, mai./ago. 2020.

SCHUINA, L. G. B. (et al). **Revista Cineclube Jece Valadão**. Ano IX, n. 10. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, abr. 2021. Disponível em: https://issuu.com/cineclubejecavaladao/docs/revista_cineclube_2_-_final. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

SILVA, Eduardo Lima. **Campo do cineclubismo brasileiro**: uma análise dos interesses em jogo no período de rearticulação do movimento cineclubista. Dissertação (Mestrado em Administração). Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 14-20, 2014.

WEINSBERG, Jean-Louis. “Paradoxos da teleinformática”. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da Rede**. Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FILMES CITADOS

ACORDA, Raimundo... Acorda!. Direção de Alfredo Alves. São Paulo: Ceta-Ibase/Iser Vídeo, 1990. 1 vídeo (16 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

ARÁBIA. Direção de Affonso Uchôa e João Dumans. Belo Horizonte: Embaúba Filmes, 2017. 1 vídeo (96 min.). Vimeo On Demand.

CÓRREGO Grande, 13. Direção de Carol Covre. Vitória: Pique-bandeira Filmes, 2015. 1 vídeo (13 min.). Arquivo digital cedido pela produtora.

DIVINA Luz. Direção de Ricardo Salles de Sá. Vitória: Interferências Filmes e Projetos, 2017. 1 DVD (15 min.)

ELES não Usam Black-tie. Direção de Leon Hirszman. São Paulo: Embrafilmes, 1981. 1 DVD. (123 min.)

ESTADO Itinerante. Direção de Ana Carolina Soares. Belo Horizonte: A Itinerante Filmes, 2015. 1 vídeo (25 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2OF-UscUP6Y>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

KBELA. Direção de Yasmin Thayná. Rio de Janeiro: Produção independente, 2015. 1 vídeo (21 min.). Disponível em: <https://kbela.org/assista-kbela/>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

LABOR. Direção de Thiago Moulin. Vila Velha; Vitória: Pai Grande/Pique-Bandeira Filmes. 1 vídeo (14 min.). Arquivo digital cedido pelas produtoras.

O EVANGELHO Segundo Jece Valadão. Direção de Joel Pizzini. Rio de Janeiro: Canal Brasil. 1 vídeo (50 min.). Arquivo digital cedido pelo diretor.

PROTEÇÃO Mútua. Direção de Lucas Schuina. Cachoeiro de Itapemirim: Cineclubes Jece Valadão, 2019. 1 vídeo (29 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gr48EIXQua4>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

RAPSÓDIA para o Homem Negro. Direção de Gabriel Martins. Contagem: Filmes de Plástico, 2015. 1 vídeo (24 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qzWh3R7yNF8>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

TERRITÓRIO do Desprazer. Direção de Maíra Tristão e Mirela Marin. Vitória: Pique-Bandeira Filmes, 2017. 1 vídeo (17 min.). Arquivo digital cedido pela produtora.

VINILLIS Frutíferis (Revelando os Brasis – Ano V). Direção de Victorhugo Passabon Amorim. Vitória: Instituto Marlin Azul, 2015. 1 vídeo (16 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-giSNmwZdVk&t=30s>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.